

ARTIGO

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. "Pertencimento, Fronteiras e Estranhamento: sobre a noção de sujeira". *RBSE* 10 (29): 218-254, ISSN 1676-8965, Agosto de 2011.
<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

PERTENCIMENTO, FRONTEIRAS E ESTRANHAMENTO SOBRE A NOÇÃO DE SUJEIRA

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

RESUMO: Este trabalho busca compreender as representações sociais sobre o que é sujeira na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba e o seu principal objetivo é o de levar o leitor às experiências, reflexões e comparações enunciadas pelos indivíduos que se dispuseram a respondê-la. Parte do princípio de que não são apenas as regras ou as normas de condutas de uma sociabilidade que abrangem a noção de imaginário social, mas como os homens, enquanto indivíduos e enquanto grupos e coletividades, as percebem, as aspiram ou as denunciam enquanto práticas sentidas ou experimentadas no dia a dia de uma sociabilidade, e que contribuem para a escultura de modos e estilos de vida e de condutas morais. **PALAVRAS-CHAVE:** Sujeira; Imaginário Urbano no Brasil; Cidades.

Introdução

Os processos culturais e sociais para serem compreendidos necessitam de que se aceite a existência de algo a mais que os abrange e transpõe. Segundo Durand (1989; 1982), é através da noção de imaginário social que se tenta abarcar esse algo a mais. De acordo com Castoriadis (1982), o imaginário social usa a dimensão do simbólico para existir e se exprimir, ao mesmo tempo em que pressupõe e necessita da capacidade imaginária de designar significações. Neste sentido, o imaginário social dispõe e coordena a realidade social e é trabalhada por ele, em um constante movimento de interpenetração e trocas: *o imaginário social, assim, pertence ao campo das representações sociais*. O pertencimento da dimensão do imaginário ao campo das representações ocorre no processo de tradução de uma realidade apreendida através da experiência social e cultural cotidiana que permite a ação social e as relações e interrelações possíveis entre indivíduos e entre indivíduos, grupos e sociedade. A realidade social arquitetada pela ação dos homens em relação, deste modo, é fruto desse processo, onde indivíduos e sociedade se interpenetram e se autoagem.

Este artigo parte do entendimento da noção de imaginário social, pertencente ao campo das representações sociais, e que atua na forma de uma rede de significados, de percepções e de sensações por onde se interpenetram e se autodefinem, - em movimentos permanentes de tensões, - valores, crenças, símbolos, mitos, aspirações, medos e receios, esperanças e ideologias que asseguram um modo de viver social, e, no caso específico aqui trabalhado, os referenciais nacionais e locais dos informantes da pesquisa analisada. É através do imaginário que as sociedades delinham suas identidades e objetivos, detectam suas afinidades e desafetos, suas noções de semelhança e de dessemelhança, de pertencimento, de fronteiras e estranhamento, e organizam sua temporalidade (Koury, 2001), como passado, presente e futuro, ou em seus aspectos plurais onde se articulam as categorias de tempo e espaço de variadas formas erigidas, sentidas e determinadas por uma coletividade, em seus entrecruzamentos locais e nacionais (Baczko, 1985; 1984). O imaginário social se expressa, deste modo, pelas apreensões do cotidiano, tanto quanto por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos configuram e reconfiguram não exclusivamente as normas, preceitos e procedimentos que regulam comportamentos e práticas sociais, mas, igualmente, instâncias afetivas e estéticas que contribuem para a formação, conformação e andamento das ações sociais e das visões de mundo. O que permite a moldagem de condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem, podendo agir como fator de coesão social, de um detectar de descontentamentos ou de introdução de mudanças.

Este trabalho busca compreender as representações sociais sobre o que é sujeira na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, a partir de uma pesquisa realizada em seis capitais de estados no Brasil. O seu principal objetivo é o de levar o leitor às experiências, reflexões e comparações enunciadas pelos indivíduos que se dispuseram a respondê-la¹. Parte do princípio de que não são apenas as regras ou as normas de condutas de uma sociabilidade que abrangem a noção de imaginário social, mas como os homens, enquanto indivíduos e enquanto grupos e coletividades, as percebem, as aspiram

¹ As cidades onde a pesquisa foi realizada, além de João Pessoa (Paraíba), foram as de Recife (Pernambuco); Belém (Pará); São Paulo (São Paulo); Curitiba (Paraná) e Brasília (Distrito Federal).

ou as denunciam enquanto práticas sentidas ou experimentadas no dia a dia de uma sociabilidade, e que contribuem para a escultura de modos e estilos de vida e de condutas morais. O imaginário social também é alvo de disputas e de formas diferentes de apreensão do real, já que interpreta a realidade e suscita a adesão a determinados sistemas de valores, ao mesmo tempo em que motiva à ação (Durand, 1969). O uso de tal definição torna possível, neste artigo, por fim, compreender não apenas como os indivíduos, grupos ou nação percebem a realidade, mas também como atuam nela, ou a aspiram, em decorrência dessa percepção.

Ter o imaginário social como pertencente ao campo das representações sociais como objeto de estudo, deste modo, é buscar a compreensão de como os moradores da cidade de João Pessoa, que serviram como informantes nesta pesquisa entendem, interpretam, discursam e julgam e, ao mesmo tempo, sentem, aspiram e atuam a realidade em que vivem, a partir de suas experiências cotidianas em suas casas, seus bairros, seu estado e seu país, através de uma categoria a eles indicadas para a reflexão: os conceitos de *sujo* e *sujeira*². Este artigo elenca as principais categorias levantadas pelos respondentes, em suas considerações sobre o que consideram como *sujeira*, e discute a importância desta noção para o entendimento de como os informantes as apreendem e as denunciam, enquanto exercícios sentidos ou experimentados no cotidiano de uma sociabilidade, e que colaboram para a modelagem de modos e estilos de vida e de condutas morais.

A questão do que é sujeira é uma problemática que perpassa a construção teórica das Ciências Sociais desde o seu início. O lidar com o que é puro ou impuro está presente nos dois principais teóricos construtores da escola sociológica francesa, Durkheim (1996) e Mauss (1974), tanto quanto de seguidores como Lévi-Strauss (1970) e Louis Dumont (2007), e se expressa em formas próprias, à luz da análise durkheimiana, no clássico livro *Pureza e Perigo* da antropóloga inglesa Mary Douglas (1976). Está presente também nos estudos de Norbert Elias (1990 e 1993), quando de sua análise sobre o processo civilizador e sobre o conceito de vergonha, tanto

² As noções de Sujo e Sujeira foram usadas com o mesmo significado pelos informantes, sem diferenciá-las entre si. Este artigo, neste sentido, também trabalha as duas noções sem diferenciá-las, respeitando as enunciações dos respondentes à pesquisa.

quanto na análise de Erving Goffman (1988; 1967) e seus estudos sobre o estigma e sobre os processos de embaraço e constrangimento, bem como nos trabalhos de Pierre Bourdieu (2007) sobre os processos de distinção, e de Richard Sennet (1998; 1972) sobre o declínio do homem público e sobre as lesões ocultas de classe, entre outros.

No Brasil, o tratamento da temática é mais recente e ocorrem principalmente nas análises sobre a vida cotidiana. Martins (1999; 2008) e Koury (2003; 2008) são dois autores, entre outros, que tem trabalhado a questão. O primeiro, em sua coletânea sobre as noções de vergonha e decoro, debruça-se sobre a questão nos seus estudos sobre o poder da vergonha, a condição de estranho, o decoro nos ritos de interação e o nojo; e na sua investigação sobre as mediações culturais do cotidiano operário discute a questão dos odores, sons e cores entre moradores da periferia da cidade de São Paulo (São Paulo). O segundo autor, por sua vez, discute a problemática da vergonha na vivência do luto entre moradores de classe média das vinte e sete capitais de estados brasileiros; e a questão dos medos corriqueiros, traduzidos em estranhamentos, estigmatizações e quebras de confiança entre os moradores da cidade de João Pessoa (Paráíba). De uma forma mais fragmentária, vários outros autores discutem a problemática da sujeira, da impureza, do pudor e suas correlações com a questão das conceituações sobre classificações sociais, muitos deles estão presentes na literatura utilizada no decorrer deste artigo.

Este trabalho, no seu conjunto, encontra-se constituído em duas partes, além da introdução e das considerações finais: na primeira, se faz uma caracterização dos entrevistados na cidade de João Pessoa e, se oferece noções básicas da pesquisa que serve de base ao artigo, para, na segunda parte, discutir as categorias encontradas nas respostas dos informantes.

Informações sobre a pesquisa

Durante o primeiro semestre de 2009 foi realizada uma pesquisa em seis capitais de estados brasileiros com o objetivo de saber quais as representações sociais dos informantes sobre sujeira no âmbito de suas cidades e no Brasil de hoje.

A aplicação dos questionários para o desenvolvimento desta pesquisa se deu durante o trabalho de campo para a coleta de dados

para uma pesquisa maior, sob a coordenação do autor, intitulada *Medos corriqueiros e Sociabilidade urbana no Brasil*³. A questão do que é sujeira relacionada com a do que é medo apareceram várias vezes em entrevistas realizadas na primeira e segunda fase da pesquisa *Medos Corriqueiros*, chamando a atenção do autor. Daí ter aproveitado um momento de treinamento e aproximação com os locais onde a nova fase se daria, para trabalhar através de uma pesquisa do tipo enquete⁴ a problemática do que é sujeira para informantes moradores de seis capitais de estados do Brasil.

Uma enquete nada mais é do que uma coleção de testemunhos sobre um assunto, passível de ser influenciado pelo momento determinado vivido pelo informante, isto é, fornece um instantâneo das suas inquietações, na ocasião em que foi abordado e concedeu em respondê-la. Assim, reflete um momento, um estado de espírito dos acontecimentos e situações que interferem na sua vida em um tempo-espaço específicos. O que pode mudar, se a mesma enquete for aplicada em outro dia, mês ou ano.

Esta indicação é importante para enfatizar a amplitude e os limites para o conhecimento científico de uma enquete e, também, para indicar que imagens de momentos específicos, como instantâneos, se aplicadas em vários períodos de tempo nos mesmos espaços, podem ser comparadas, e podem indicar conjuntos de inquietações identificadoras de um perfil comportamental de uma comunidade ou de uma nação. Daí sua significância para a pesquisa social.

Mesmo se um questionário for aplicado apenas em um tempo-espaço, o instantâneo ou o conjunto das imagens reveladas através das respostas dos informantes fornece ao pesquisador subsídios importantes para a compreensão de hábitos, costumes, anseios, problemas e inquietações de uma população dada, que podem servir para a ilustração de fenômenos, mesmo que flutuantes, já que apenas um instantâneo, na análise social. Portanto, o conjunto de respostas levantadas pela enquete, através de uma coleção de testemunhos em

³ Para resultados relativos à pesquisa *Medos corriqueiros e sociabilidade urbana no Brasil*, ver, entre outros trabalhos: Koury (2005, 2006, 2007 e 2008).

⁴ Para Antônio Carlos Gil (1987, pp. 124 e 125) o termo enquete se refere “à reunião de testemunhos sobre determinado assunto”, com maior frequência a partir do uso de questionários. No caso desta pesquisa, os testemunhos ou informações solicitados diziam respeito aos significados de sujo e de sujeira para os respondentes das seis cidades trabalhadas.

seis capitais, e aqui analisada, especificamente, para a cidade de João Pessoa, Paraíba, permite indicadores analíticos em termos da cultura e da sociedade, dos medos, receios e anseios, dos costumes através das informações obtidas, tornando possível ao pesquisador traçar um quadro compreensivo sobre as experiências, reflexões e comparações emitidas e acionadas por uma temática específica: no caso, sobre o que é sujeira para os entrevistados.

Foram aplicados nas seis capitais onde a pesquisa foi realizada 390 questionários com indivíduos de ambos os sexos, com idade mínima a partir de 15 anos, sendo 90 para a cidade de São Paulo e 60 para João Pessoa e para as demais cidades da amostra. A abordagem foi feita de forma aleatória, em pontos de grande movimento ou aglomerações de pessoas, em diversos locais de cada cidade pesquisada. As pessoas que se dispunham a responder a enquete eram colocadas frente a duas questões básicas: o que era sujeira para o informante e o que ele indicava como sujeira⁵.

As respostas foram colhidas através de um questionário, que continha, além de perguntas sobre a caracterização do informante⁶, as duas questões abertas acima mencionadas. A partir destas duas questões elaboravam seus testemunhos sobre o assunto solicitado. Cada respondente obtinha um número, de 001 a 390 e, no final, suas respostas foram transferidas para listagens⁷ onde cada resposta de cada informante era repassada e formava um conjunto completo de testemunhos, aproximando os respondentes e ao mesmo tempo os individualizando. As listagens permitiram uma visualização completa do conjunto das respostas a cada questão, tanto quanto permi-

⁵ Para uma apresentação das formas de abordagens e dos locais em cada cidade em que foram colhidos os testemunhos para a pesquisa, ver Koury (2009).

⁶ A parte de caracterização do informante continha: bairro onde morava, cidade, estado, estado civil, idade, religião, renda e profissão. Era garantido o anonimato do respondente.

⁷ Os números associados aos informantes, também estavam subordinados a cidade a que pertenciam: assim, por exemplo, os números de 001 a 060, foram destinados aos respondentes da cidade de João Pessoa, e assim por diante, associando cada informante a sua cidade. Neste processo foi utilizado o programa Excel, da Microsoft.

tiam uma percepção completa das respostas totais por cidade e por informante⁸.

Com as listagens prontas se passou para uma leitura atenta do conjunto das respostas e sobre elas foi iniciado o processo de classificação das respostas. De acordo com Abramo (1979, pp. 21 a 49), todo processo de classificação é uma subdivisão de um objeto em seus componentes, tendo em vista a relação entre os objetivos propostos pela pesquisa e o conjunto dos testemunhos levantados em campo. Esta subdivisão se faz através da elaboração de critérios de análise suscetíveis de compor categorias amplas onde as diversas respostas possam ser agrupadas. Seltiz (1974, pp. 439 a 448), por seu lado, informa que os princípios de classificação utilizados no processo de pesquisa permitem decidir quais as categorias gerais e significativas para a análise e interpretação dos dados. As categorias formuladas devem ser exaustivas e exclusivas e, a partir de sua montagem e primeira formulação devem passar por uma tabulação inicial para verificar a necessidade de formulação de categorias mais abrangentes, sobre as já trabalhadas, ou a necessidade de criação de um conjunto de noções a elas vinculadas, para distinguir diferentes tipos de respostas, no interior de categorias mais amplas, que poderiam fornecer uma mais vasta gama de elementos para a análise dos dados, que as categorias mais amplas, tal qual formuladas, tornaram invisíveis ou escondem.

No caso da pesquisa aqui trabalhada, o conjunto das respostas organizadas em listagens passou por um processo de construção que redundou em 12 categorias. Estas categorias foram construídas através das respostas as questões sobre o que é sujeira e o que era indicado como sujeira na opinião dos informantes, segundo o critério de exaustividade e exclusividade. A partir da elaboração de um *livro de código*⁹ com as categorias analíticas construídas, as 390 respostas foram tabuladas, para o conjunto das seis cidades, e especificado para os 60 questionários da cidade de João Pessoa, objeto deste artigo.

⁸ Sobre o processo de construção de listagens, tabulação e critérios de classificação, ver, entre outros, Abramo (1979); Richardson (1985); Goode e Hatt (1972) e Seltiz (1974), entre outros.

⁹ *Livro de Código* se refere a um catálogo com as diversas categorias elaboradas para cada questão. O livro de código facilita o processo de tabulação dos dados de uma pesquisa.

As 12 categorias analíticas elaboradas a partir dos dados fornecidos pelos informantes foram: *Falta de Higiene; Fluídos; Imoralidade; Falta de Confiança; Gente Fraca; Estigmatizações e Preconceitos; Mendicância* (Gente Pobre e Suja); *Homossexualidade; Falta de Consciência Ecológica; Violência Urbana; Desrespeito ao Cidadão e Falta de Zelo com a Coisa Pública*. Estas categorias ajudaram o pesquisador a perceber as grandes temáticas indicadas pelos respondentes dentro de uma perspectiva de cada cidade pesquisada e sua comparação, fornecendo um mapa do que os informantes afirmaram e indicaram sobre o que é sujeira.

Seguindo os ensinamentos de Selltitz (1974), para facilitar a análise deste trabalho, estas 12 categorias encontradas nas falas dos informantes foram sintetizadas em três. Esta síntese foi elaborada a partir dos objetivos do trabalho, que tem por intenção teórica compreender o que os respondentes definiam sobre o que é sujeira e o que era identificado como tal; ou seja, o de permitir compreender a representação social da sujeira para o conjunto dos respondentes das seis cidades pesquisadas e, aqui, especificamente, para a cidade de João Pessoa¹⁰, facilitando o entendimento da noção de imaginário social como uma noção *pertencente ao campo das representações sociais* e que age como uma trama de significações, de impressões, de percepções por onde se deliberam os valores, as crenças, os mitos, as aspirações, os medos e receios, e as esperanças e ideologias que asseguram um modo de viver social. Como elaborar a síntese e quais seriam as categorias principais delas retiradas que melhor poderiam expressar a relação entre os objetivos propostos pela pesquisa e o conjunto dos testemunhos levantados em campo? E, ao mesmo tempo, como as novas categorias-sínteses poderiam ampliar a possibilidade analítica obtida pelas 12 categorias encontradas na primeira classificação a que os testemunhos foram submetidos? Tendo por pressuposto analítico de que as representações sociais emitidas pelos respondentes configuram não apenas as normas, preceitos e procedimentos que regulam práticas sociais e condutas, mas, também, instâncias afetivas e estéticas que contribuem para a conformação e andamento das ações sociais e das visões de mundo dos informantes, as 12 categorias foram submetidas a uma nova classificação-síntese, resultando em três categorias gerais: a categoria de *Moralidade* (que

¹⁰ Uma possível comparação entre elas é feita em Koury (2009; 2011).

englobou as categorias de Falta de higiene, fluidos, imoralidade, estigmatizações e preconceitos, falta de confiança e gente fraca, agora transformada em noções organizadoras da categoria Moralidade); a categoria *Violência Urbana*; e, por fim, a categoria *Ética, política e cidadania*.

Interessa, a este artigo, deste modo, apresentar e compreender as categorias indicadas, tendo em vista a discussão sobre sujeira e sociabilidade.

Caracterização dos Informantes na cidade de João Pessoa

Como dito acima, foram aplicados 60 questionários na cidade de João Pessoa, com a questão ‘*O que é Sujeira para Você?*’ Os questionários foram aplicados em locais de grande concentração de pessoas, ou seja: nas Universidades e nos Shoppings da cidade, nos centros de compras populares, nos terminais de ônibus e trens urbanos, no Parque Solon de Lucena e nas praias, todos eles espaços de passagem e de aglomeração da população local em seu todo.

Dos 60 questionários aplicados, 34 foram com mulheres (56,7%) e 26 com homens (43,3%), em idades que variaram de maiores de 15 anos a mais de 65 anos, ou, mais precisamente, sete (11,7%) informantes possuíam entre 15-25 anos; 16 (26,7%) entre 26-35 anos; 15 (25,0%) entre 36-45 anos; 14 (23,3%) entre 46-65 anos e, finalmente, oito (13,3%) tinham mais de 65 anos de idade, conforme a Tabela I, abaixo.

Tabela 1- Idade/Sexo dos entrevistados - João Pessoa - N/%

Idade/Sexo	M		F		Total	
	N	%	N	%	N	%
15-25	3	11,5	4	11,7	7	11,7
26-35	8	30,8	8	23,5	16	26,7
36-45	6	23,1	9	26,6	15	25,0
46-65	6	23,1	8	23,5	14	23,3
66+	3	11,5	5	14,7	8	13,3
Total	26	100	34	100	60	100

Perguntados sobre a renda familiar os entrevistados de João Pessoa informaram rendas que variaram de menos de um salário mínimo (sm) até mais de vinte salários mínimos.

Tabela 2 - Renda Familiar - João Pessoa - N/%

Renda Familiar	até 1 sm	1 a 3 sm	3 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	20 sm e +	Total
N	6	12	10	11	12	9	60
%	10	20	16,70	18,30	20	15	100

Como se pode verificar na Tabela 2, acima, esta variação por classes de renda familiar mostrou-se do seguinte modo: seis (10%) entrevistados informaram possuir uma renda familiar de até 1sm; 12 (20%) entre 1-3sm; 10 (16,7%), entre 3-5sm; 11 (18,3%), entre 5-10sm; 12 (20%), entre 10-20sm; e nove (15%) dos entrevistados informaram sua renda familiar com maior do que 20sm.

Quanto ao nível de instrução, os informantes apresentaram, também, um leque variado, indo do analfabeto até pós-graduados, nos níveis de especialização, mestrado e doutorado. O mesmo acontecendo com as informações sobre os tipos de ocupação dos entrevistados: em relação à ocupação os entrevistados se situaram, no momento da pesquisa, em funções que iam de desempregados e donas de casas, de ambulantes a empresários, de comerciários a profissionais liberais, entre outros, compondo um elenco diverso de ocupações. Este artigo não se apresenta tabelas mais específicas sobre renda e ocupação, se contentando e, mostrar, apenas, a diversidade de faixas de renda e de ocupação entre os respondentes.

No contexto deste artigo, deste modo, não se vai trabalhar com temática pesquisada no âmbito de gênero, nem de faixa etária, ocupacional ou econômica, apesar de apresentar alguns cruzamentos nesta direção. Privilegiar-se-á, sobretudo, as respostas dadas pelos informantes, de uma forma geral, e suas reflexões e representações sobre a questão da sujeira.

Análise das categorias

Toda análise e indagação que se debruce sobre a sujeira têm por base uma reflexão das relações entre a ordem e a desordem e das relações possíveis entre os aspectos positivos e negativos do processo

de criação social. Processos que envolvem o binômio limpo e sujo, puro e impuro, os silêncios ou silenciamentos, e os discursos mortos e esquecidos ou subsumidos na lógica hegemônica social (Kristeva, 1986), que podem ampliar conceitos, revisá-los e integrá-los à ordem, em uma subversão de identidade, onde se acomoda a outrora desordem à lógica contemporânea da ordem.

Estudar o comportamento e as representações sociais sobre o que é sujeira, deste modo, leva a reflexão e a busca de compreensão sobre o desenho da sociedade e da cultura e as mudanças de comportamento e nos costumes dos seus habitantes, no caso aqui específico, moradores da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, e dos medos e receios enfrentados na cotidianidade.

Buscar-se-á, aqui, apresentar como a cidade de João Pessoa, através dos sessenta entrevistados, sente, vivencia e representa a noção de *sujeira* a partir das três categorias gerais obtidas do processo de codificação e tabulação dos dados recolhidos no trabalho de campo acima discutido. As três categorias obtidas foram: a categoria de *Moralidade*; a categoria *Violência Urbana*; e, por último, a categoria *Ética, política e cidadania*.

Categorias/Sexo	F	M	Total %
<i>Moralidade</i>	33,40%	25,00%	58,40%
<i>Violência Urbana</i>	15,00%	10,00%	25,00%
<i>Ética, Política e Cidadania</i>	8,30%	8,30%	16,60%
Total	56,70%	43,30%	100,00%

Como pode ser visto na Tabela 3 acima, as três categorias em que os habitantes da cidade de João pessoa, entrevistados na pesquisa, situaram suas questões sobre o que é sujeira, mais de cinquenta por cento dos informantes remeteram a sua resposta para a categoria de *Moralidade* (58,4% das respostas), seguidas das categorias de *Violência Urbana* (25% das respostas) e *Ética, Política e Cidadania* (16,6% das respostas). Em uma comparação por sexo dos entrevistados, a categoria *Moralidade* obteve um índice maior de respostas femininas (33,4%) em relação às masculinas (25%); a categoria *Violência Urbana*, por sua vez, tem um percentual de 15% de res-

postas para o sexo feminino, contra 10% para o masculino; e a categoria *Ética, Política e Cidadania* com um índice igual de sugestão entre os dois sexos, ambos com 8,3% das respostas.

Uma apresentação e análise de cada categoria recolhida das respostas dos entrevistados se fazem necessária. Esta apresentação se iniciará pela categoria que teve maior significação nas narrativas e testemunhos dos entrevistados, e prosseguirá com a análise das demais categorias a partir do mesmo critério de indicações.

A categoria de Moralidade

A categoria de *Moralidade* engloba noções expressas pelos entrevistados que vão da falta de higiene aos fluidos; do que entendem por imoralidade, falta de decoro e pornografia; pelas estigmatizações e preconceitos apresentados; até uma discussão travada no âmbito da falta de confiança que compreende desde a noção de gente fraca e sem caráter até as questões da traição¹¹.

Moralidade	Total	M	F
<i>Falta de Higiene</i>	45,7%	17,0%	28,7%
<i>Imoralidade</i>	14,3%	5,7%	8,6%
<i>Falta de Confiança</i>	40%	20%	20%
Total	100%	43%	57%

Como pode ser visto na Tabela 4, acima, esta categoria engloba o maior número de indicações dos respondentes sobre o que afirmaram por sujeira. Dos 60 respondentes na cidade de João Pessoa, 58,4%¹² significaram a sujeira através da categoria *Moralidade* que remete diretamente para o campo simbólico do puro-impuro, da limpeza-sujeira. Dualidades que operam com um conjunto de classificações sociais que remetem a sujeira à desordem, a desorganização,

¹¹ - É interessante frisar, que muitas das opiniões expressas pelos informantes se situam, muitas vezes, cruzadas a várias senão todas as três categorias, mas, por questões metodológicas foram divididas a partir do critério da ênfase dadas a uma delas.

¹² - Ver Tabela 3.

à mentira e à perversão. O elevado índice de respostas demonstra a importância desta categoria para a compreensão da cultura e organização social e formas de vida entre os joão Pessoaenses.

Os significados de *sujeira* encontrados em dicionários da língua portuguesa (Buarque de Holanda, 1980; Buarque de Holanda, 1992; Houaiss, 2001; Michaelis, 2010) falam dos sentidos da falta de limpeza a sordidez; de algo manchado a maculado; de algo ou alguém infeccionado ou contagiado; até a referência a alguma coisa com muitas incorreções ou emendas.

Dentro de um contexto físico, a noção de *sujeira* ganha o significado de um horizonte brumoso e mal definido. Em termos figurativos, sujeira tem o significado de algo ou alguém que encerram elementos, dados, informações inconvenientes ou prejudiciais; bem como sinaliza algo ou alguém indecente, indecoroso e imoral. Chega mesmo a afirmar alguma coisa ou pessoa indigna, desonesta sórdida ou canalha.

O emprego da palavra na cidade de João Pessoa vai do receio de perder a confiança de alguém, como no dizer “*ficar sujo com alguém*”, até o ganhar sentidos de alguém desmoralizado e que perdeu o crédito e em alguém em quem não se pode confiar: como na assertiva, “*o cara tá sujo*”, ou outras do mesmo sentido. Contém ainda uma concepção relacional disposta nos ditados “*rir-se o sujo do mal lavado*” ou “*rir-se o roto do esfarrapado*”, onde se zomba de alguém por falha que também lhe é própria. Em muitos casos, inclusive, chega a comparar a sujeira ao diabo, demonizando o outro ou a coisa considerados sujeiras.

A ação de sujar, deste modo, tem o sentido de tornar-se sujo e, ao assim fazer-se, emporcalhar. A ação de sujar não apenas atinge o próprio indivíduo, mas possibilita a contaminação espaço-temporal onde o ato se realizou, infectando ou poluindo o ambiente e o outro ao redor. O objeto, o indivíduo ou a instituição onde existe, ou é possuidora de sujeira, tornam-se não confiáveis, porque a sujeira comporta o elemento do impuro, da impureza, que corrompe o espaço, o tempo e as relações ao seu redor. Assim, corromper, perverter, depravar faz parte da ação do sujo, de alguém ou algo que comporta sujeira. Esta ação tende a manchar, a macular, a conspurcar, a profanar, em si, tudo o que se toca ou tudo o que se encontra no entorno.

O simbolismo religioso está cheio da dualidade limpo-sujo, puro-impuro, como parte da trajetória do sagrado e os compromissos dos homens para com ele; a literatura médica, também, coloca na relação entre o puro e o impuro toda uma discussão sobre o contágio e a transmissão de doenças, criando regras e códigos de conduta que procuram barrar a contaminação do ambiente e dos outros daqueles impuros ou tocados pela impureza em sua volta. As ciências sociais estudam estas duas representações da dualidade limpo-sujo mostrando a construção social e cultural por trás destas práticas, e demonstram a sujeira como um elemento de estratificação social (Dumont 2007; Douglas, 1976).

As noções que compõem a categoria de *Moralidade* podem ser divididas em dois grupos de situações. O primeiro dizendo respeito à sujeira física do corpo e do ambiente, onde se encontram a falta de higiene e os fluidos (escarros, excrementos, saliva, sangue, urina, lágrimas, cheiros, etc.); e o segundo, que diz diretamente da questão do caráter, e se encontra presente entre as perversões, da fraqueza pessoal: preguiça, cansaço, falta de vontade, e a falta de confiança: traição, mentira, desonestidade, etc.

Ao se olhar a categoria de *Moralidade*, vê-se que ela corresponde a 58,4% em João Pessoa, o que denota uma importância especial desta categoria nas representações sociais sobre a sujeira entre os entrevistados da capital paraibana. Os aspectos associados à categoria de *Moralidade* na cidade de João Pessoa dão ênfase, sobretudo à questão da *falta de higiene*, relatada principalmente nos aspectos da falta de higiene corpórea e doméstica¹³, mas, também, estendida à sujeira da cidade: a cidade vista como uma cidade mal cuidada, com esgotos vazando em vias públicas, lixo urbano acumulado pelas

¹³ - Em alguns estudos realizados por acadêmicos brasileiros, como o de Barbosa (2006) e o de Fleischer (2002) que trabalham com o imaginário sobre a sujeira no Brasil contemporâneo e entre as *housecleaners* brasileiras nos Estados Unidos, por sua vez, a diferenciação metodológica de sujeira é feita entre a *sujeira física* e a *sujeira simbólica*. A sujeira física tendo, em si, o próprio significado do que é considerado impuro, e a sujeira simbólica, representando o imaginário social sobre o considerado impuro (sujeira física) e as formas de controle cultural e social sobre ele. Neste universo trazido por Barbosa e Fleischer, balizados nos estudos de Mary Douglas (1976), da sujeira como algo fora do lugar, a questão da ordem é vista como não apenas a organização da desordem provocada pela sujeira (física), mas no seu combate permanente.

praças e ruas, ou seja, a indicação de falta de higiene está relacionada também com a falta de cuidado público com a cidade e falta de educação da população, que não cuida da cidade, quebra equipamentos coletivos, “*joga lixo por todos os cantos*”, picham paredes, muros e equipamentos coletivos, e ajuda a enfeiar e “*emporcalthar*” a cidade¹⁴. Dividindo por sexo, as 45,7% das indicações para a noção de falta de higiene, de acordo com a Tabela 4 acima, 17% foram indicações masculinas, contra 28,7% de femininas.

Em termos de representações sociais sobre o que é sujeira, e como uma noção pertencente ao campo da categoria *Moralidade*, aqui trabalhada, situa-se a também a problemática da *Falta de Confiança*, com indicações de 40% dos respondentes¹⁵. Esse elemento moral: a falta de confiança parece revelar o que estudos do autor sobre as transformações recentes vividas pela cidade de João Pessoa, nos últimos quarenta anos, vêm apontando; isto é, o crescimento da cidade veio acompanhado por uma perda progressiva nos laços de

¹⁴ - A sujeira é definida por Forty (2007, p. 217) como “*matéria fora do lugar: o sujo é o rótulo que atribuímos ao que percebemos como desordem, estado muitas vezes considerado ameaçador*”. De acordo com Forty (2007, p. 221), nas campanhas para a melhoria dos padrões de limpeza, foram utilizados pelos reformadores e higienistas dois conjuntos de argumentos. Estes dois argumentos influenciavam um ao outro de forma concomitante, produzindo um imaginário social propício para uma sociabilidade em que a vigilância constante de si e do outro era o lema de sua própria existência e sentimento (Foucault, 1986). O primeiro recorria para a razão e se baseava em critérios científicos, como foi o caso da ordem médica e os perigos de contaminação causados pela falta de higiene e doença. Este primeiro argumento atingiria a arquitetura e as formas criadas por designers, em ambientes claros, de formas precisas, que exalasses funcionalidade e asseio, bem como um conjunto de ordens médicas e sociais de controle do impuro: ampliação de vias públicas; disciplinamento das casas; combate à doença e a insalubridade; desqualificação do saber popular sobre higiene e saúde; criação de espaços exclusivos para os mortos: os cemitérios; comparação da pobreza à sujeira e delinquência; criação de asilos de mendicância, entre outros. O segundo argumento era, sobretudo, de ordem emotiva, e estimulava os sentimentos de ansiedade e culpa em relação à sujeira. Para uma visão mais ampla sobre essas questões ver, entre outros, Thompson (1989); Áries (1989); Davis (1990); Foucault, (1986 e 2007), entre outros. No Brasil ver os estudos de Koury (1986, 2003, 2009 e 2011); Diniz (2001); Reis (1991); Sá (1999), David (1995), entre outros.

¹⁵ - As indicações de homens e mulheres para esta noção de Falta de Confiança, no interior da categoria *Moralidade*, se equivaleram, com 20% para ambos os sexos, conforme pode ser visto na Tabela 4.

confiabilidade entre os habitantes da cidade, principalmente entre pessoas com mais de quarenta anos e principalmente entre os mais velhos¹⁶, que acompanharam esse processo crescente de mudanças não só nos aspectos físicos, mas, especialmente, relacionados aos aspectos comportamentais dos habitantes da cidade. A perda da personalidade e dos laços de confiança e de pertencimento nestas últimas décadas ocasionou uma visão mais pessimista sobre as mudanças nos costumes e hábitos da sociedade local, ampliando a visão da cidade a través dos seus aspectos morais de estranhamento do outro, da desconfiança no outro, e inclusive relacionados aos aspectos ligados a quebra de laços pessoais, ligados à dissolução de casamentos, da traição, do “ninguém mais acredita em ninguém”, do “os laços entre as pessoas tornaram-se desgastados, hoje se fica com um... amanhã com outro...”, de fragilidade dos laços que levam a uma sociabilidade “sadia”, e comentada a partir de um ideal de passado perdido e estranhado com a rapidez dos acontecimentos que levaram a configuração de uma nova João Pessoa nas últimas décadas.

Este mesmo ideal de passado perdido faz os entrevistados levantarem problemas referentes à sujeira como elemento simbólico representacional do comportamento urbano na cidade, quando remetem à questão da moralidade a noção de imoralidade¹⁷; esta última fazendo parte dos novos hábitos da cidade em que vivem, e que os levam a uma comparação saudosista com a cidade onde viveram: “moças e rapazes não mais namoram, e logo estão em relações íntimas, sem ligar para o que a sociedade pensa”, não existe mais respeito “com os valores da família”, a “imoralidade toma conta das relações, as famílias e as pessoas de fé ficando à mercê de comportamentos que não

¹⁶ - É interessante notar que muitos jovens e adultos com menos de quarenta anos respondentes à pesquisa na cidade de João Pessoa, remete a noção de falta de confiança como um caminho para se pensar o que é sujeira na cidade, e trazem argumentos parecidos aos que a remetem para um passado vivido e não mais recuperado. Associando a noção da falta de confiança à quebra de laços sociais e ao individualismo crescente na cidade.

¹⁷ - Com 14,3% das indicações dos respondentes que sugeriam a categoria Moralidade como um dos principais aspectos de sujeira nas relações socio-culturais da cidade. Sendo estes compostos por 5,7% de indicações masculinas, contra 8,6% das femininas.

*condizem com os de uma comunidade sadia*¹⁸, quebrando uma possível harmonia social e causando um desequilíbrio e uma desordem estrutural nos processos comportamentais e nos costumes da cidade, entre outros aspectos.

Um dos aspectos mais gritantes indicados nas respostas dos entrevistados de João Pessoa e associados com a categoria *Moralidade* relata aspectos relacionados a problemática de *estigmatizações* e *preconceito* e apresentam as questões relativas à homossexualidade, à pobreza e ao preconceito étnico. Ela trás a indicação de 16,7% do total dos que significaram a categoria *Moralidade*, e que a veem como sujeira, e se encontra diluída nas três noções que incorporam a categoria *Moralidade* na pesquisa, isto é, entre a questão de higiene, a questão da imoralidade e da falta de confiança. O preconceito é uma noção que permanece uniforme no conjunto das indicações dos entrevistados da cidade e, sem um cuidado analítico especial, diluída no conjunto das informações mais diretamente indicativas da categoria *Moralidade*.

A noção de preconceito presente em várias respostas revela a formação de estigmas sociais graves, os quais veem os outros da relação como fora dos padrões classificatórios da cultura de que faz parte. Dentro de uma relação sujeira-limpeza, puro-impuro, estes estigmas se constituem em marcas que procuram naturalizar e impor modos de agir e posturas sociais e culturais através do qual fabrica o outro como alguém fora do lugar. Como um desclassificado social, como um ser de segunda categoria, ou mesmo, nas formas mais radicais de comportamento, como um não ser.

No caso da homossexualidade, a aversão aos que a praticam é visto através da desordem causada no sistema classificatório macho-fêmea, causando ansiedades. Estas estigmatizações aparecem quando as fronteiras externas de uma dada cultura, ou quando as linhas que delineiam as relações internas de uma sociabilidade são ameaçadas. O medo do perigo das situações que não se encaixam nos sistemas classificatórios ideais, parece por a pessoa em constante tensão e medo, daí a tendência a isolar o elemento da desordem e impor a ele atributos de demonização, como produtos de forças malignas, impondo uma eterna vigilância.

¹⁸ - Depoimento de uma senhora de cinquenta e cinco anos, católica de nascimento e convertida a Assembléia de Deus, moradora do bairro nobre de Tambaú, em João Pessoa.

Em uma sociedade em rápida mudança como a da capital parabiense, os espaços de identificação da hierarquia macho-fêmea se fazem sentir através do crescimento da homofobia, mas, ao mesmo tempo, parece haver uma relativa tolerância ao macho (hetero) que se veste de mulher em momentos festivos; bem como com relação ao lado festivo da *viadagem* ou das *bichinhas*¹⁹, claro, “*desde que elas se coloquem no seu lugar*”, como assegurou um informante, isto é, em uma espécie de limbo onde não reivindicuem inclusão social, nem busquem quebrar os limites classificatórios do entendimento do gênero.

“*Elas lá e nós cá*”, afirmou outro informante, que diz, inclusive, que gosta de ver “*as bichinhas desfilarem em frente do meu ponto de ônibus, quando volto para casa no final do expediente*”. Ou, como afirma outro entrevistado, “*gosto de ver essa viadagem na televisão, imitando cantoras, sorridentes, umas verdadeiras artistas... Acho mesmo que é lá, do outro lado do vidro da televisão que elas deveriam permanecer, como artistas inatingíveis, deusas. Mas isso não acontece. Elas são homens, e como tal ameaçam a nossa própria integridade moral*”. Nessa altura o discurso muda para o preconceito e aversão mais aguda, simbolizando o lado diabólico do homem-mulher e a desordem provocada por essa desorganização.

A maior parte dos que informaram a homossexualidade como sujeira, porém, advogam o isolamento e a rejeição total daquele que se *desvirtua*, havendo casos de mulheres e homens aplaudirem mães e pais de família que ao descobrirem a tendência dos seus filhos para a homossexualidade, os expulsarem de casa. Muitos dos entrevistados de João Pessoa creditam a desordem provocada pela homossexualidade aos males contemporâneos, entre eles a AIDS é apontada como produto gay, bem como a “*degeneração dos costumes sociais na cidade e no país como um todo*”, de acordo com as palavras de um informante.

A questão do preconceito étnico, por outro lado, só apareceu indiretamente e de forma fragmentada entre os entrevistados. O preconceito contra os negros aparece como a indicação mais precisa de estigmas sociais e são motivos de chacotas e piadas de mau gosto, do

¹⁹ *Bichinha* e *viadagem* são termos muito usados no vocabulário popular brasileiro para designar o homossexual masculino individual ou em grupo. Vários entrevistados usaram os termos na busca de desqualificar o ser humano homossexual e reclassificá-lo sob a ótica do pejorativo.

tipo “*negro quando não faz na entrada, faz na saída*” e outras do gênero, e são indicados quase sempre como desordeiros e, nas representações dos informantes, muitos o afirmam como sujos e como marginais em potencial. São vistos como elementos de desordem e perigo, principalmente, se além de problemas étnicos apresentarem a questão da pobreza em seu currículo. Se ricos, ou de classe média alta, a questão da etnia deixa de ser significativa, passando a haver certa tolerância em aceitar a diferença no ambiente social e mesmo familiar.

A categoria pobreza, assim, funda o grande hiato entre os respondentes, e aparece, nas respostas dos informantes, ligado ao estigma de classe. Os pobres e, sobretudo, os mendigos, são considerados sujos, sem educação, sem acesso aos códigos de higiene e que enfeiam e “*emporcalham*” a cidade.

São ameaçadores em si, vistos como marginais e ladrões, que provocam medo e receio na população. São vistos como drogados, maltrapilhos, que surgem de repente nos sinais de trânsito de cada cidade pedindo dinheiro ou assaltando.

São não confiáveis, abjetos, elementos estranhos estabelecidos pela extrusão e que devem ser mantidos sob rígido controle social, para que não avancem sob o organizado e ameacem os cidadãos. Sim, a pobreza não é vista pelos informantes através do conceito de cidadania, mas, ao contrário, como elementos da desordem e da fragmentação social. Nas palavras de um entrevistado: “*Eu tenho pena das crianças, mas é uma pena de uma criança geral, não aquela que está ali, com um vidro de cola, drogado, na minha frente. Dessa eu corro, como corro do seu pai, da sua mãe, de quem lá que se-ja...*”²⁰

Ao serem vistos como bandidos, através da ótica do medo de que “*vai chegar o dia em que essa gente vai nos por sob controle...*”, a pobreza urbana é estranhada, e sobre ela paira o desejo de retirá-las

²⁰ - Ou como afirmou outro informante: “*vejo um maltrapilho na rua e fico trêmulo, confuso, com medo. Se houver um canto que eu possa atravessar, eu sigo, mesmo que aumente o caminho, pois me sinto mais seguro por não passar frente a ele...*”. Ou ainda nas palavras de outro: “*Acho que o governo deveria achar um jeito de por essa gente sob controle, pois vai chegar o dia em que essa gente vai nos por sob controle, o controle do medo. Como já existe por aqui... é só olhar em volta e ver; é só olhar os jornais e vê...*”.

do corpo social, afastando o perigo que ameaça o respondente e a sua família e a sociedade em geral.

O apontar como sujeira esses aspectos morais, associados à questão da falta de educação e da conformação do caráter, parece demonstrar uma preocupação com a desordem inerente à própria subjetividade que cada noção emite: os riscos com a saúde, provocados pela falta de higiene doméstica e da cidade; a possibilidade de transmissão de vírus pela falta de cuidados básicos são receios emitidos e são exemplos desse processo. Assim como, como lembra Rebouças (2000), a desordem causada pela sujeira, como falta de ordenação, causando desequilíbrio nos indivíduos em relação e no todo social.

Do mesmo modo que o elemento de sujeira, apontado nos atos obscenos e na sociedade que não põe limite à exposição dos corpos e das perversões, fala da desordem e dos perigos inerentes a se viver em uma época onde “*o respeito aos costumes e as tradições, ao bom comportamento e à família não mais existem*”, como argumentou uma informante.

A categoria *Moralidade*, assim, parece apontar para a análise de Elias (1990 e 1993) sobre a autodisciplina e a vergonha causada pela desordem do outro, porque reflete a sua própria indisciplina e da sua cultura; e de Sennett (1998) e Giddens (2004), que direcionam o olhar para o declínio do público e a ascensão da intimidade. E uma e outra levam na direção de alguma coisa fora do lugar, no sentido dado por Mary Douglas (1976), que incomoda e que causa vexame, que enoja e causa vergonha e receio de contaminação.

Os elementos físicos da sujeira, presentes na categoria *Moralidade*, por outro lado, parece direcionar a reflexão dos informantes para a dimensão metonímica da sujeira sugerida por Lévi-Strauss (1970), apontando aqueles que a cometem como *porcos*, como *imundos* e, na direção da perversão, de *amorais* e *permissivos*. São eles, quem a produzem, são eles os sujeitos, o que causam sujeira e poluem o ambiente, contaminando o ambiente ao redor e, pior, envergonhando e contagiando a todos, pois a sujeira, nesse momento, passa a ser representada na sua dimensão simbólica e generalizante: é a sociedade permissiva que fecha os olhos à falta de educação e a quebra dos laços da tradição, ocasionando uma fragmentação que atinge a todos: a sujeira produzida emporcalha não só que a produziu ou consentiu, mas a todos.

Esse corromper simbólico, que contamina o social, parece produzir um sentimento de impotência em cada indivíduo presente, o que aumenta o receio de contaminação e o medo de relacionar-se, ocasionando um sentimento de reserva pessoal e uma ampliação do isolamento pessoal ou familiar, ao mesmo tempo em que provoca o crescimento de uma aversão sobre aqueles causadores da sujeira. O nojo incitado parece ser pertinente a emoções, comportamentos ou impressões que causam vergonha e pudor: as funções de excreção e sexuais do corpo humano (Cony, 2005, p. 52). A indicação da categoria *Moralidade* como sujeira, trás em si uma espécie de reação que condena qualquer pessoa, qualquer objeto ou qualquer idéia que seja capaz de confundir ou contradizer as classificações tidas como ideais e colocadas, pelos respondentes, no plano de um passado fantasiado como *melhor*, mas perdido e sem retorno.

A cultura daí emergida funda e refunda as disposições erigidas através de um código de condutas morais e éticas, que visam a assegurar a harmonia, o bem estar e a sempre instável relações dos homens com os elementos da natureza e do sobrenatural ao seu redor. Criam códigos de pureza, de purificação e separam em graus variados os diversos tipos de puros até o mais impuro e sujo existente.

Pureza e sujeira, portanto, são dois elementos de uma mesma relação. Dispostos, porém, em campos hierárquicos opostos, encontrando-se em eterna tensão pela possibilidade de um intervir no outro: na ação de purificar o contaminado, ou na ação de contaminação do puro. A ordem e a organização social, estando no equilíbrio entre as duas esferas.

A sujeira, assim, como contraponto da pureza, se encontra no reino da desordem, da desorganização social. É um elemento que conduz a uma idéia imaginária da evitação e do impedimento: do que deve ser evitado, impedido, visto, sentido, enfim, a sujeira é uma coisa vista como algo do reino da feiúra, do abominável, e que deve ser impedido e excluído.

A sujeira é aquele que provoca medo, receio. O apenas olhar a sujeira provoca um sentimento de nojo, de enjôo e um receio de contaminação. A idéia de poluição e seu corolário contágio, trás em si o desejo simultâneo de contenção, controle e, até, extermínio.

A sujeira e tudo o que é considerado sujo remete a evitação, seja pela busca de contenção, pela segregação, pelo isolamento, ou pelo extermínio e morte. As representações sociais sobre o que é conside-

rado sujeira, deste modo, criam campos de entendimento e visão de mão dupla: de um lado, a visão preconceituosa, que vê o outro, o contaminado, como aquele que deve ser isolado ou excluído. De outro lado, a visão envergonhada, que compreende e enxerga o outro através de si mesmo, como consequência da falta de um atributo que também é seu, e que deve ser escondido do olhar de um terceiro, ou procurado meios para a sua superação.

Elias (1990 e 1993) em seus estudos sobre a conformação dos costumes na sociedade alemã a partir do século XVIII e, principalmente, XIX demonstra as bases de atribuições de novos costumes e as formas de como os antigos costumes foram depreciados como sujeira, no processo de individualização crescente da sociedade alemã do período. Mostra, ainda, como esse processo se fez pela interiorização da disciplina e do aumento da vergonha, como movimentos de afirmação da pessoa e do julgamento moral de si próprio e dos demais.

A sujeira vista através da vergonha, então, era sentida como um problema pessoal de cada indivíduo, não apenas no olhar para si próprio, mas e principalmente no olhar para o outro. O controle social, desta forma, se colocava entre o indivíduo e o outro, através da vergonha e da exposição. Tudo era permitido deste que em uma intimidade pessoal ou dentro de uma intimidade compartilhada, nunca pública.

No público, a exposição de uma intimidade não condizente com o social e culturalmente desejado transformava-se em abjeção, em punição, em risco de contaminação, em desordem.

Sennett (1998) segue e amplia esta análise e coloca a individualidade resultante do crescimento da esfera da intimidade como um declínio acentuado na sociedade ocidental do homem público. O que provoca dois processos antagônicos e simultâneos: o aumento da vergonha de exposição em público, e um aumento do controle da desordem e da contaminação proveniente das esferas do considerado sujeira; e um desenvolvimento enorme do reino das perversões, enquanto possibilidade de ação pessoal ou compartilhada no consentido, e da curiosidade de verificação do outro, do íntimo através do buraco da fechadura.

O abjeto passa assim por uma mão dupla: o medo da contaminação e a busca do controle sobre ele; e o olhar curioso, que busca flagrar o outro em situações constrangedoras em ambientes íntimos.

Ou, ao mesmo tempo, fazendo condenar aqueles que ousam expor-se em público e, simultaneamente, exibindo-se se pressentir que alguém o olha disfarçadamente.

O público, deste modo, se coloca como prisioneiro do privado, e como tal, fragmenta-se e é apropriado pelo espaço da intimidade: ampliando as bases do individualismo, e subsumindo o sujeito à esfera do desejo, e da ampliação do sentimento da vergonha. Da ação envergonhada sobre seus próprios atos e da própria sociedade que o cerca.

Simmel, em seu texto *A tragédia da cultura* (1998) dá as bases teóricas iniciais que orientariam posteriormente a análise de Sennett e Elias.

Goffman (1967), perseguindo os caminhos inspirados na análise simmeliana, estuda os processos de interação ritual e apreende que as relações entre os indivíduos são executadas e preenchidas por um ritual de conveniências e convenções sociais, onde o um e o outro respondem aos sinais esperados no decorrer do processo interativo: desde a forma de sentar, os gestos, as expressões e ruídos corporais e da face, até o expresso através da fala fazem parte de uma ritualística que se falha causa no outro constrangimento e, simultaneamente, constrange o outro da relação. A falha desorganiza e é considerada como algo que provoca sujeira ou suja o ambiente, podendo, em determinadas situações, contaminar a todos os presentes.

O processo de desorganização social causado pelo constrangimento, afeta as relações entre os parceiros da conversação, podendo o que falhou ser desculpado ou até ser expulso e evitado de novas possibilidades interativas. O ritual poluído indica situações de desordem que desorganiza todo o ambiente, quando não o contamina.

Em outro estudo sobre o estigma, Goffman (1988) vai mais além, e revela que essa desordem não só se coloca nas formas de se comportar e nas formas de se expressar, mas também em situações onde o outro da relação possui algum traço que o diferencia negativamente perante o parceiro ou parceiros da relação. Ele cita exemplos que vão do uso de óculos com um grau elevado de miopia, até a presença de sinais e marcas corporais: de uma simples pinta inconveniente em um lado exposto do corpo do parceiro até a diferencial ligado a questões étnicas, posturas ou má-formação.

Em outros exemplos, ele coloca aspectos mais diretamente ligados a costumes e moda: o de não estar vestido de forma condizente,

e o de não possuir um vocabulário harmônico com o ambiente em que se encontra; em outros exemplos fala diretamente de aspectos sociais ligados à esfera econômica: como ser pobre ou aparentar pobreza, ou ser de uma classe social considerada inferior a do ambiente em que se encontra etc.

O constrangimento podendo mesmo transformar o ambiente em um meio hostil, pondo o fim na relação encetada, chegando até ao isolamento ou a expulsão do constrangedor; ou mesmo, adquirir formato de humilhação àquele que constrangeu o ambiente com o seu diferencial, servindo de chacota e piadas entre os pares. A sujeira e a convivência com a sujeira provocam um sentimento moral de rejeição que, se levada a extremo, leva a busca de exclusão ou de extermínio do agente contaminador, ou provoca vergonha ao ambiente que o recebeu.

Do mesmo modo, no indivíduo possuidor de algo considerado diferente e visto como desagradável ao ambiente em que se encontre presente, provoca um sentimento de humilhação, de acovardamento, de vergonha pessoal por ser possuidor de algo que constrange o outro, ou de não se encontrar a altura do outro ou outros da relação. Vive em permanente culpa de não ser igual, e sua baixa estima o faz sentir-se inferior.

Simone Weil (1979) em seus estudos sobre a opressão e a condição operária relata, em seu diário, o processo de vergonha e baixa estima que acompanha o ato cotidiano da pobreza operária. Relata a vergonha e a culpa sentida por ela, quando na saída da fábrica, depois de um dia extenuante de trabalho, de sentar em um ônibus para voltar para sua casa. Ela fala do sentimento de aversão à sua condição, que possivelmente iria causar no outro usuário, interiorizado, e se pergunta se ela tem o direito, mesmo pagando pelo transporte público, de sentar e sujar com sua pobreza e cansaço o ambiente do ônibus.

Esse estado limite de emoção demonstra como o sentir-se impuro, sujo, indigno, incapaz, diferente, advoga ao espírito de quem assim se sente, e dá o direito àqueles que o acham, de atribuição de um estigma social. Conceito moral produzido socialmente que objetiva algo ou alguém que não é limpo, em todas as suas acepções.

A categoria Violência Urbana

A associação entre pobreza e crime acompanha as sociedades ocidentais de longa data. No Brasil, desde o final do século XIX, com o final da escravidão, a necessidade de conter um contingente de trabalhadores livres, em número crescente, que aportavam nas cidades, levou a todo um processo de formação de leis que objetivavam a disciplina e o controle social, moral e higiênico das classes trabalhadoras. Novos controles prisionais, orfanatos, abrigos de mendicância, registros profissionais como controle e garantia do pobre trabalhador, entre outras formas de contenção, são produtos desta fase de consolidação do capitalismo no ocidente e no país.

No século XXI esta associação tem provocado novas formas de reconfigurações sociais nas cidades. Caldeira (2000), por exemplo, estuda as transformações ocorridas na cidade de São Paulo nas duas últimas décadas do século XX, apontando para a crescente fragmentação dos laços sociais entre cidadãos e pobres. Pobres, aqui, considerados como o outro, como o fora de lugar na ordem classificatória social, a não ser como um não ser, via desordem, isto é, como bandidos em potencial.

Sonia Ferraz (2001), em um trabalho sobre as formas de morar nas cidades brasileiras neste início do século XXI, analisa a intensificação do medo generalizado de morar nas cidades e a arquitetura decorrente e resultante da relação entre violência e pobreza. Para ela, o estreitamento da relação homem pobre e violência urbana é um fato construído diariamente pela mídia, e que vem sendo capaz de produzir a sensação crescente de insegurança e medo das elites em relação à pobreza e tem contribuindo para uma maior segregação social e física e para o crescimento do mercado de proteção.

Marcelo Souza (2008) discutindo a relação entre medo e cidade, e tendo como referência as grandes cidades e metrópoles brasileiras, fala sobre o sentimento de insegurança que parece cada vez mais compor o cenário das cidades brasileiras, como se estivesse presente em todo e qualquer lugar, a qualquer hora e momento. Afirma que esse sentimento crescente de insegurança generalizado toma conta de todos os habitantes urbanos e é "*como se a 'geografia do medo'... muitas vezes parece deslocar-se em parte da incidência objetiva dos crimes violentos, [e] se superpusesse à 'geografia da violência'... [provocando] um medo generalizado... matizado de acordo com a classe, a cor de pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência,*

[*que*] *toma conta de corações e mentes*” (Souza, 2008, p.54). Esse medo generalizado atua recondicionando hábitos de deslocamento e lazer, influenciando formas de moradia e modelando discursos padrões sobre a violência urbana, que reascende, amplia e consolida o próprio medo no íntimo de cada habitante e de toda a cidade.

Entre os entrevistados da cidade de João Pessoa, em primeiro lugar, é necessário notar que a categoria *Violência Urbana* está associada às relações de estigma tratadas na categoria *Moralidade*, e, principalmente as ilações que remetem para a noção de pobreza urbana e a sua demonização, que vêem pobres e mendigos como sujeitos e como bandidos em potencial. Esta categoria responde por 25% dos informantes, que a indicaram como uma representação de sujeira, como pode ser visto na Tabela 5, abaixo; sendo 15% de mulheres, contra 10% dos homens.

Tabela 5 - Categoria Violência Urbana por Sexo – João Pessoa - %

Categoria/Sexo	F	M	Total
<i>Violência Urbana</i>	15%	10%	25%

Muitos dos informantes são claros na relação pobreza e violência, e no medo e no sentimento de insegurança permanente que sentem, mesmo no interior de suas casas. Uma entrevistada, por exemplo, fala do pânico diário de sair de casa, depois que ficou “*presa no meio de um tiroteio entre polícia e moradores da favela próximos*” a sua residência. Outro informante indica um dos motivos que, para ele, e para a mídia local, é uma das fontes de preocupação das classes médias da capital: o seu depoimento informa sobre os sequestros relâmpagos que assolam a cidade, “*onde qualquer um pode ser vítima, e se não tiver dinheiro, pior, é morte certa, é morte certa. Não tem pai de família daqui que não fique aperreado com os seus expostos a qualquer momento e toda a hora a passar por um horror desses...*”. Uma respondente, por seu turno, fala dos assaltos nos pontos de ônibus e nos parques da cidade, que a fazem ter medo de se deslocar a pé, e mesmo de sair de casa. Afirmando que, “*se eu não tivesse que trabalhar vivia trancada em casa, sem sair para nada. Pedia tudo por telefone ou internet*”. Outro informante relata que “*nunca fui assaltado, mas morro de medo de que isso aconteça*”, e conta que o vizinho ao lado de sua casa teve um revólver apontado

para a sua cabeça, na hora em que abria a garagem e, por sorte, só levou apenas o carro. Outro entrevistado fala da insegurança de viver na cidade, com assaltos constantes e arrastões; outro comenta o gasto com a segurança que vem tendo nesses últimos anos. Informa que o bairro em que mora, Cabo Branco, transformou-se de um bairro pacato, onde todos se conheciam, para um lugar perigoso, onde os moradores têm medo de sair de suas casas, vive trancado, de muro altíssimo, cheio de grades e apetrechos de segurança. “*Vivo numa prisão*”, informa, “*com medo até de botar o nariz prá fora de casa*”. Todos os depoimentos relatam o medo generalizado, que reforçam a idéia de “*separação, purificação, demarcação e punição das transgressões*” (Douglas, 1976, p.4), e dos transgressores, apontados como os pobres e bandidos, em uma correlação onde um e outro se misturam e torna-se um todo homogêneo e indiferenciado, como categorias excluídas da estrutura formal do poder e consideradas sujas, poluidoras e ameaçadoras.

A categoria Ética, Política e Cidadania

A última categoria indicada pelos entrevistados da cidade de João Pessoa, na Tabela 6, abaixo, como algo sujo, fala sobre a *Ética, Política e Cidadania*, e trás no seu interior as noções de Desrespeito ao Cidadão, Falta de Zelo com a Coisa Pública e Falta de Consciência Ecológica.

Categoria/Sexo	M	F	Total
Desrespeito ao Cidadão	3,3	4,9	8,2
Falta de Zelo com a coisa pública	1,7	1,7	3,4
Falta de Consciência Ecológica	3,3	1,7	5,0
Total	8,3	8,3	16,6

Como pode ser visto na Tabela 6, os 16,6% de informantes que indicaram como sujeira a categoria *Ética, Política e Cidadania*, situaram suas indagações em três grandes noções: a primeira remete ao Desrespeito ao Cidadão, com 8,2% das representações dos infor-

mantes da cidade²¹; seguida pela noção de Falta de Zelo com a Coisa Pública, com 3,4% das indicações²², e, por último, a noção de Falta de Consciência Ecológica, com 5% das indicações²³. A cidade de João Pessoa tem uma aguda consciência ecológica travada, principalmente, na luta pela conservação das áreas verdes da cidade e sobre a proibição de construção de edifícios com mais de três andares nos três primeiros quarteirões contíguos ao litoral. Os informantes que indicaram a falta de consciência ecológica procuram ligar a questão com o conceito de desenvolvimento sustentável, e muitos nos seus discursos elaboraram críticas aos planos diretores da cidade e sua preocupação com o futuro da capital. Os respondentes apontam como sujeira à poluição do ar e dos rios, o desmatamento desenfreado, as queimadas, bem como o lixo acumulado nas encostas dos morros ou jogados nos rios e canais da cidade, bem como a luta contínua para assegurar uma orla sem espigões, sempre burlada pelo valor das áreas onde se situam os bairros mais elegantes da cidade, entre outros aspectos.

Coligando esta noção de falta de consciência ecológica com a de desrespeito ao cidadão, esta primeira se interrelaciona com as indagações da segunda quando aborda a falta de saneamento, e o esgotamento sanitário a céu aberto ou ligado clandestinamente aos rios e às praias, que levam ao prejuízo à população da cidade em relação ao lazer, à reserva de água potável e à saúde pública, causando epidemias e perigos de diversas espécies. Indicam ainda os gases poluentes, o mau cheiro das cidades, o chorume e os gases produzidos pelo lixo acumulado em depósitos de acolhimento sem nenhuma estrutura.

Acusam os políticos de não se preocuparem com a questão, com grande prejuízo para as cidades e para os cidadãos que nela vivem. Remetem, assim, as suas narrativas para a associação da falta de consciência ecológica com as questões de falta de zelo com a coisa pública e do desrespeito com os cidadãos.

²¹ - Isto é, 3,3% dos homens entrevistados e 9% das mulheres sugeriram o desrespeito ao cidadão brasileiro e joãozinhoense, como algo indigno e sujo.

²² - Homens e mulheres constam ambos com 1,7% das representações sobre a falta de zelo com a coisa pública como algo sujo e que “*enoja*”, usando o termo usado por um dos entrevistados, a sociedade brasileira e de João Pessoa, especificamente.

²³ - 3,3% dos homens a indicaram e 1,7% das mulheres.

A noção de Falta de Zelo com a Coisa Pública, no interior da categoria *Ética, Política e Cidadania*, por sua vez, fala diretamente contra a falta de ética na política e na administração pública brasileiras. Os informantes são claros na comparação da política praticada por políticos profissionais no Brasil como sujeira, nas esferas federal, estadual e municipal, apontando elementos como a corrupção ativa, como o desvio de verbas, a má aplicação dos recursos públicos, o descaso com as políticas públicas no país, principalmente ligadas à educação e à saúde e no controle da criminalidade, a questão da fome associada ao desvio de verbas e ao legislar e agir em causa própria.

Esta noção, também, remete a política na cidade e no país à politicagem, e aponta os escândalos que a sociedade brasileira e a parabi-bana vivenciam desde os anos finais do século XX até agora: como o de desvio de verbas públicas, o *mensalão*, a operação vampiro e outras; ou como subornos, contratações ilícitas, enriquecimentos rápidos e inexplicáveis de políticos, e uso da máquina pública para cabide das mais diversas práticas abusivas de beneficiamento da família ou pessoal; ou ainda, como o eterno acabar em *pizza* das CPIs, os partidos como cabides de interesses estratégicos para uso pessoal, a falta de ética como fundamento partidário, entre inúmeros outros, como um dos males do Brasil contemporâneo. Males que são apontados pelos informantes como sendo a prática da política no Brasil, e que os fazem desabafar o *nojo* que sentem da política e dos políticos, considerados, como disse um informante, “*como um bando de porcos no chiqueiro, quando aparece alguma lavagem* (a mistura de restos de comida com que são alimentados os porcos criados em fundos de quintais)”.

A noção de Desrespeito ao Cidadão, por outro lado, é uma categoria que engloba respostas associadas à cidadania e a qualidade de vida dos habitantes da cidade, e onde se vêem respostas ligadas a problemas de saneamento básico, de esgotamento sanitário, de falta de estrutura de transportes públicos, das condições das vias expressas (calçadas, ruas, avenidas, estradas), da carência de iluminação pública, da condição de higiene da e na cidade, entre outras queixas. Esta noção, também, se encontra associada com a da Falta de Zelo com a Coisa Pública, com comparações depreciativas da política legislativa e executiva do país, como a dada por um informante, insatisfeito com a falta de estrutura urbana do seu bairro e que tinha sido pro-

metido melhorias por um vereador que recebeu muitos votos dos moradores de lá: “*pois é doutor, os políticos são como gatos de rua, só aparecem quando querem se eleger, depois esquece o eleitorado*”. Esta afirmação geral, dada por um informante, sintetiza, grosso modo, uma boa parte das mágoas com os políticos por parte do homem comum urbano brasileiro. Essa queixa trás embutida outras tantas, que dizem respeito, principalmente, ao poder executivo. Embora, em muitos casos, revele ainda uma mentalidade clientelista por parte do eleitorado, da relação político-eleitor.

Promessas pessoais feitas durante a campanha para possíveis eleitores e depois esquecidas quando conseguem assumir algum posto no legislativo ou no executivo, são apontadas por alguns informantes, que se colocam descrentes do voto e aproximam a prática política da podridão, e que veem o político como aproveitador, e a política como sujeira. Por outro lado, a grande maioria das respostas reside no descumprimento de promessas de campanha para melhorias na infra-estrutura urbana, a partir do próprio bairro ou *comunidade* do eleitor.

Outro núcleo grande de indicações do desrespeito ao cidadão se coloca em alguns problemas de âmbito mais geral que atingem os moradores como a coleta do lixo na cidade, os problemas de transporte urbano, o estado de falência em que se encontram estradas, avenidas e ruas na cidade e em todo o país, dificultando a circulação de automóveis e pessoas, aumentando o número de acidentes de trânsito e o tráfego diário das vias públicas.

Outro conjunto de respostas fala da falta de policiamento nas ruas, da falta de iluminação pública, dificultando a circulação de pessoas, principalmente aquelas mais pobres, gerando medo. Outro aspecto associado como desrespeito ao cidadão, e indicativo da política como algo que dá nojo, fala da saúde pública, e das dificuldades do seu uso e do desaparecimento dos hospitais e postos de saúde; da educação formal e do enfraquecimento da escola pública; falam ainda do distanciamento salarial dos políticos profissionais, bem como dos outros poderes, em relação ao salário do trabalhador comum, entre outros tantos aspectos.

Outro núcleo de indicações fala diretamente da questão do trato da violência como fazendo parte de um comércio e uma indústria do medo. O que mostra a associação da política e do desrespeito ao cidadão, com relação ao trato da violência pela *res publica*, isto é,

como uma coisa do povo. Indicam os políticos em cargos legislativos e executivos como os responsáveis pelo acirramento da violência no país, não por falta de recursos aplicados, mas pelo desvio destes recursos, seja em propaganda, seja por outras formas: despreparo das forças públicas, falta de policiamento estratégico, desinteresse real da questão, embora com aparente interesse da eterna fonte de recursos para estimular este comércio e indústria nos municípios, estados e país, ampliando a cultura do medo entre os cidadãos.

Esta categoria mostrou-se importante nesse estudo por mostrar como a população brasileira vê e sente a política em desenvolvimento no país através dos seus políticos profissionais. A falta de ética, o uso pessoal e partidário da máquina política, o desrespeito ao cidadão, são apontados como problemas estruturais da política no país que levam a descrença do eleitor para o destino de seu voto: “*em qualquer político novo ou antigo que se vote, ele assumiu o poder vira um safado igual aos demais que só pensa no seu bolso e no seu benefício*”, sintetiza uma informante de João Pessoa, e o fazem ver a política como algo sujo.

Mostra também o lado clientelístico por trás das reclamações dos eleitores em relação aos políticos nacionais e, também, indicam um lado trágico desse desordenamento: a descrença da política e a anomia produzida por este ceticismo, bem como, uma visão da política como um lugar onde “*o sujeito, se tiver rebolado, pode se dar bem*”, como insinuou outro informante²⁴.

Dados constrangedores que demonstram o imaginário social do jeitinho pessoal, já tratado pelo antropólogo carioca Roberto Da-Matta (2001) sobre a forma de ser do brasileiro. Ou da expressão popular: “*rouba, mas faz*”, como forma síntese do político que se dá bem, mas também executa obras, tão comum na política nacional desde meados da década de cinquenta do século passado.

Nunca, porém, a política foi tão mal vista como nos últimos anos. Em várias respostas os respondentes ampliavam o seu argumento com a indicação do “*voto porque sou obrigado*”, e da intenção de votar nulo ou em branco, “*pois todos os políticos, no fundo, são*

²⁴ - O que parece afirmar os dados de uma enquete realizada em 2005 pelo Ibope em várias cidades brasileiras, publicada no *Jornal do Comércio*, Recife, de 20 de outubro de 2005. Esta enquete mostrou que 67% dos informantes afirmavam que, se estivessem no poder, faziam a mesma coisa que os políticos que lá estão: roubar e colocar a máquina política a seu favor.

iguais”: o que equivale a desonestos e que só pensam em si. Espelhando a desilusão com a política, com os políticos e com os poderes constituídos no país.

Considerações finais

A categoria de sujeira, analisada neste trabalho, é uma categoria analítica importante para a reflexão e para a compreensão dos valores e atitudes que permeiam o comportamento social dos informantes joão pessoenses e sobre as representações sobre o que é considerado sujeira e sentido como ameaças na vivência cotidiana dos informantes.

Pelo demonstrado parece ter ficado claro a relevância da sujeira para a reflexão antropológica e sociológica, na medida em que permitem compreender e discutir a importância da categoria para o entendimento de como os informantes as apreende e as denunciam, enquanto significados e práticas experimentadas no cotidiano de uma sociabilidade por eles vivida, e que colaboram para a constituição de modos e estilos de vida e de condutas morais.

Valores, crenças e aspirações, medos e receios e esperanças que asseguram um modo de viver social, bem como identidades e objetivos, afinidades e desafetos, noções de semelhança e de dessemelhança, de pertencimento, de fronteiras e estranhamento, sentidos pelos informantes em seus entrecruzamentos locais e nacionais, são enunciados nos testemunhos relatados pelos respondentes da pesquisa, ampliando o leque de informações por onde pode se compreender o imaginário social em que se baseiam as respostas dos informantes e de como ele se expressa em suas vidas cotidianas.

Tais elementos permitiram ao pesquisador examinar, através da noção de sujeira, as instâncias afetivas e estéticas, bem como as normas e preceitos que estão por trás, e que parecem servir como reguladores de formas de conduta e modos e estilos de vida dos respondentes da cidade de João Pessoa. O que permitiu a compreensão dos processos de coesão social, e de descontentamentos ou buscas de mudanças entre os entrevistados, enquanto práticas sentidas ou experimentadas no seu cotidiano.

Este artigo, assim, elencou as principais categorias levantadas pelos entrevistados, em suas considerações sobre o que consideram como *sujeira*, e discutiu a importância da categoria para os informantes na construção cotidiana do sentir e agir social e cultural, e

que colaboram para a elaboração de uma rede de significados que levam à configuração de condutas morais e modos de vida. Este artigo, assim, tendo as representações sociais como objeto de estudo, buscou ampliar a compreensão de como os moradores da cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, que serviram como informantes nesta pesquisa, sentem, interpretam e julgam a realidade em que vivem, a partir de suas experiências cotidianas em suas casas, nos seus bairros, na cidade, e até mesmo no país, através de uma questão a eles indicada para a reflexão: a noção de sujeira. Mostrou, ainda, que esta noção trás em si a idéia de uma ofensa contra a ordem e contra aos valores sociais vistos idealmente como positivos, e regidos e alimentados na prática diária da vivência cultural e social e, inclusive, de suas ambiguidades.

A noção de sujeira, aqui analisada, por fim, pôs ainda em relevo as correlações estabelecidas entre as estruturas do sistema social local e nacional e as formas mais ou menos explícitas de autoridade, com os elementos de poluição e infração que, com eles, interagem como tensão e como enfrentamento.

Dentro do ângulo da moralidade, a pesquisa mostrou o sentimento de vergonha e da baixa estima dos informantes ao indicarem a sujeira no cotidiano da cidade, das residências e das pessoas, permitindo a formação de estigmas sociais, traduzida na objetivação de que algo ou alguém não é limpo, de acordo com os critérios de uma moralidade que classificam e desclassificam os outros da relação.

No interior de um ponto de vista onde a ética espelha as classificações sociais ideais, por outro lado, o trabalho mostrou a importância da categoria sujeira para explicitar e apontar falhas no caráter e nas instituições sociais, como lido pelos informantes com relação à política e aos políticos locais, estaduais e nacionais.

Este artigo é um esforço para a compreensão da noção de sujeira, a partir das informações trazidas à tona pelos testemunhos de 60 entrevistados da cidade de João Pessoa. Nele se buscou apresentar os critérios de classificação lançados nas suas respostas e dos medos e receios indicados em relação ao outro relacional, social e culturalmente exposto; bem como apresentar como os entrevistados vivenciam e expressam as formas de conduta, de valores e dos costumes a eles, sentidas como semelhantes, ou anunciadas como dessemelhantes e apreendidas como práticas distantes e não civilizadas (Elias, 1990 e 1993), vistas pelos entrevistados como sujas e que causam asco. O

artigo procurou mostrar e compreender as experiências, ansiedades, reflexões e comparações emitidas pelos informantes, traçando um panorama sobre como pensam a noção de sujeira, e de sua significação para a análise social.

Bibliografia

- ABRAMO, Perseu. 1979. *Pesquisa social*: projeto e planejamento. São Paulo, T.A. Queiroz.
- ÀRIES, Philippe. 1989. *O homem diante da morte*, 2ª edição, 2 vols., Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- BARBOSA, Livia. 2006. "Cultura, consumo e identidade: limpeza e poluição na sociedade brasileira contemporânea". In, Livia Barbosa e Colin Campbell (Orgs.), *Cultura, consumo e identidade*, Rio de Janeiro, Editora da FGV, pp. 107 a 138.
- BACZKO, Bronislaw. 1985. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem)*, v. 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- BACZKO, Bronislaw. 1984. *Les imaginaires sociaux. Mémoire et espoirs collectifs*. Paris, Payot.
- BOURDIEU, Pierre. 2007. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, Editora Zouk.
- BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. 1980. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira
- BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. 1992. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa – ilustrado*. 15ª edição, São Paulo, Civilização Brasileira
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 2000. *A cidade dos muros*. São Paulo, editora 34 e EDUSP.
- CASTORIADIS, Cornelius. 1982. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CONY, Venus Brasileira. 2005. *Mural dos nomes impróprios*. Ensaio sobre o grafite de banheiro. Rio de Janeiro, Sete letras.
- DaMATTA, Roberto. 2001. *O que faz Brasil, Brasil?* 11ª edição, Rio de Janeiro, Rocco.
- DAVID, Onildo Reis. 1995. *O inimigo invisível*. A epidemia do cólera na Bahia, 1855-1856. Salvador, Edição do Autor.
- DAVIS, Natália Zemon. 1990. *As culturas do povo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. 2001. "A iconografia do medo". In, Mauro Guilherme Pinheiro Koury (Org.), *Imagem e Memória*, Ensaios em Antropologia Visual. Rio de Janeiro, Garamond, pp. 113 a 149.

- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectiva.
- DUMONT, Louis. 2007. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. 2ª edição. São Paulo, EDUSP.
- DURAND, Gilbert. 1989. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa, Editorial Presença.
- DURAND, Gilbert. 1982. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo, Cultrix.
- DURAND, Yves. 1969. "A formulação imaginária do imaginário e seus modelos". In: *Cahiers de recherches sur l'imaginaire (Methodologie de l'imaginaire)*, Paris, Meriand.
- DURKHEIM, Émilè. 1996. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes.
- ELIAS, Norbert. 1990 e 1993. *O processo civilizador*. 2 vols., Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FERRAZ, Sonia Maria Taddei. 2001. *Arquitetura da violência: morar com medo nas cidades*, Quem tem medo de que e de quem nas cidades brasileiras contemporâneas? <http://www.br.monografias.com/trabalhos/arquitetura-violencia-cidades-contemporaneas.shtml> (baixado em 10.6.2011)
- FLEISCHER, Soraya Resende. 2002. *Passando a América a limpo*. O trabalho de *housecleaners* brasileiras em Boston, Massachusetts. São Paulo, Annablume.
- FORTY, Adrian. 2007. *Objetos de desejo*. Design e sociedade desde 1750. São Paulo, Cosac & Naify.
- FOUCAULT, Michel. 1986. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. 4ª edição, Petrópolis, Vozes.
- FOUCAULT, Michel. 2007. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. 18ª edição, São Paulo, Graal.
- GIDDENS, Anthony. 2004. *A Transformação da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo, UNESP.
- GIL, Antonio Carlos. 1987. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas.
- GOFFMAN, Erving. 1967. *Interaction ritual*. New York, Anchor Books.
- GOFFMAN, Erving. 1988. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª. Edição, Rio de Janeiro, Guanabara.
- GOODE, William J. e HATT, Paul K. 1972. *Métodos em pesquisa social*. 4ª. Edição, São Paulo, Editora Nacional.
- HOUAISS, Antônio & Mauro de Salles Villar. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 1986. "Trabalho e disciplina. Os homens pobres nas cidades do Nordeste: 1889 a 1930. In, VV.AA.

- Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências*, v. I, Fortaleza, Editora Universitária UFC, pp. 134 a 149.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2001. "Enraizamento, pertença e ação cultural". *Cronos*, vol. 2, n.1, pp. 131 a 137.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2003. *Sociologia da Emoção*, O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis, Vozes.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2005. *Medos corriqueiros e sociabilidade*. João Pessoa, Edufpb.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2006. *O vínculo ritual*. João Pessoa, Edufpb.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2007. *Sofrimento social*. João Pessoa, Edufpb.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2008. *De que João Pessoa tem medo?* João Pessoa, Edufpb.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2009. "Sujeira e imaginário social urbano no Brasil". *Política & Trabalho*, n. 27-30, pp. 15-32.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2011. "Regras e códigos de conduta moral e ética: Um passeio pelo imaginário urbano e pelas vivências, reflexões e comparações sobre a noção de sujo de homens comuns de classe média no Brasil Urbano do século XXI". In: Jonas Ferreira e Adrian Scribano, Organizadores, *Corpos em Concertos: diferenças, desigualdades e desconformidades*, Recife, Editora Universitária da UFPE, pp. 51 a 80.
- KRISTEVA, Julia. 1986. *The Power of horror: an essay on abjection*. New York, Columbia University Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. *El origen de las maneras de mesa*. México, Siglo Veintiuno.
- MARTINS, José de Souza. 2008. "Odores, sons e cores: mediações culturais do cotidiano operário". In: *A aparição do demônio na fábrica: origens do eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo, Ed 34.
- MARTINS, José de Souza, (Org.). 1999. *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo, Hucitec.
- MAUSS, Marcel. 1974. *Sociologia e Antropologia*, 2 vols., São Paulo, EPU/EDUSP.
- MICHAELIS. 2010. *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos.
- REBOUÇAS, Lídia Marcelino. 2000. *O planejado e o vivido: o reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema*, São Paulo, Fapesp/Annablume.

- REIS, João José dos. 1991. *A morte é uma festa*. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Companhia das Letras.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et all. 1985. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo, Atlas.
- SÁ, Lenilde Duarte de. 1999. *Parahyba - uma cidade entre miasmas e micróbios*. Os serviços de higiene pública, 1985-1918. Tese. Ribeirão Preto, USP.
- SELLTIZ, C et all. 1974. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, E.P.U.
- SENNETT, Richard. 1998. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras.
- SENNETT, Richard; COBB, Jonathan. 1972. *The hidden injuries of class*. New York, Vintage Books.
- SIMMEL, Georg. 1998. "O conceito e a tragédia da cultura". Organizado e apresentado por Jessé Souza e Berthold Öelze, *Simmel e a modernidade*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, pp. 79 a 108.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. 2008. *Fobópole*, O medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- THOMPSON, Edward Palmer. 1989. *A formação da classe operária inglesa*. 2ª edição, 3 vols., Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- WEIL, Simone. 1979. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Organizado e Apresentado por Ecléa Bosi. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

∞

ABSTRACT: This paper seeks to understand the social representations about what is dirt in the city of João Pessoa, capital of Paraíba, and its main goal is to lead the reader to the experiences, reflections and comparisons set out by individuals who were willing to answer it. Assumes that are not only rules or standards of conduct of a sociality which include the notion of social imaginary, but as men, as individuals and as groups and collectives, to perceive, or aspire to denounce the practice as experienced or experienced in the daily life of a social life, and contribute to the sculpture of modes and styles of life and morals conducts. **KEYWORDS:** Dirt; Urban Imaginary in Brazil; Cities.

